

Investigação Arqueológica
na
Sociedade de Geografia de Lisboa

A actividade da Secção de Arqueologia
(Décadas de 1950 a 1990)



João Luís Cardoso

Presidente da Secção de Arqueologia
Sociedade de Geografia de Lisboa

separata do Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa
série 123^a - N.ºs 1 - 12

Janeiro - Dezembro - 2005

Número Comemorativo
130 anos da S.G.L.

INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA
NA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA
A ACTIVIDADE DA SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA (DÉCADAS DE 1950 A 1990)

João Luís Cardoso

Presidente da Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa



Palavras prévias

Começo por agradecer a honrosa incumbência, para, no âmbito das comemorações dos 130 anos da Sociedade de Geografia de Lisboa, apresentar breve historial de uma das suas mais antigas Secções: a Secção de Arqueologia, a que tenho a honra de presidir. Para o efeito, com o inestimável apoio da Senhora Dona Maria Luísa, funcionária da Secretaria da nossa Sociedade, tive a oportunidade de ler as centenas de actas conservadas, que retratam fielmente a vida, actividades e vicissitudes desta Secção, desde a sua fundação, no já longínquo ano de 1954.

Cumpre-me, também, agradecer a presença de todos os ilustres membros da Sociedade de Geografia de Lisboa, elementos da sua Direcção e corpos directivos das diversas Secções e, em particular, não só os meus colegas da Secção de Arqueologia, mas também os Caros Amigos e Ilustres Convidados, que me deram a honra de estar presentes.

O que de mais relevante aconteceu na Secção de Arqueologia, no decurso da sua já larga existência, poderia ser apresentado de várias formas. Por uma questão de comodidade, optei por seguir critério cronológico, por décadas de actividade, salientando, ao longo de cada uma delas, as comunicações científicas consideradas pela sua temática, profundidade, ou originalidade, mais significativas, sem omitir aspectos relacionados com a gestão interna da Secção, designadamente os nomes dos elementos que integraram as sucessivas Mesas, e os planos de actuação que tiveram, sempre no sentido de assegurar a continuidade dos trabalhos desenvolvidos; com efeito, foram várias as dificuldades conhecidas pela Secção no decurso da sua existência, que culminaram com a suspensão de actividades, ocorrida nos finais da década de 1980, antecedendo o seu próprio renascimento, só verificado em 2003.



Fig. 1

1. A fundação

A 25 de Fevereiro de 1954, o Prof. Joaquim Fontes recebeu, em nome da Direcção da Sociedade de Geografia de Lisboa (SGL), presidida pelo Prof. Mendes Corrêa (Fig. 1), missiva assinada pelo Secretário-Geral, o Prof. António de Almeida, convidando-o a assumir a presidência de uma Secção de Arqueologia Pré-Histórica, cuja criação a Direcção entendeu ser pertinente. Neste documento (Fig. 2) apresentava-se já uma proposta de constituição da Mesa: vice-presidente – Ten. Cor. Afonso do Paço; secretário – Dr. Bandeira Ferreira; vice-

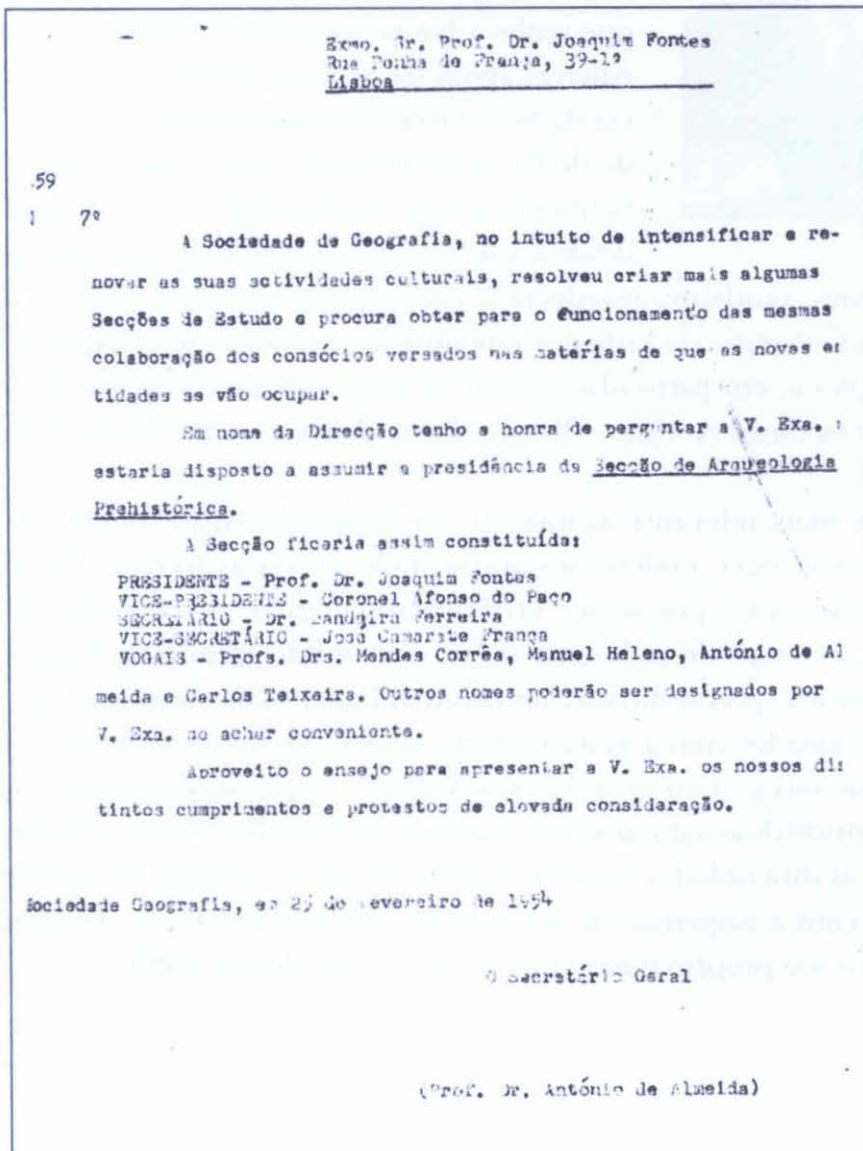


Fig. 2

secretário – José Camarate França; e diversos vogais – Profs. Mendes Corrêa, Manuel Heleno, António de Almeida e Carlos Teixeira.

A 13 de Março, o Prof. Joaquim Fontes respondeu favoravelmente (Fig. 3), o que permitiu endereçar convites aos restantes elementos da projectada Mesa: Ten. Cor. Afonso do Paço (25/3/1954), que responde logo a 28 do mesmo mês; e Dr. Bandeira Ferreira, que responde a 10 de Abril. A parte restante do ano de 1954 é gasta em convites a outros elementos, para assumirem o papel de vogais, como Maxime Vaultier, que respondeu a 18 de Maio. Foi com estes elementos que se constituiu o núcleo fundador da Secção, que reuniu pela primeira vez a 12 de Janeiro de 1955, conforme se pode verificar na Acta n.º 1 (Fig. 4), tendo nessa ocasião sido apresentada comunicação sobre os trabalhos que, no âmbito da Pré-História vinham sendo desenvolvidos pela Missão Antropobiológica a Angola chefiada pelo Prof. António de Almeida .

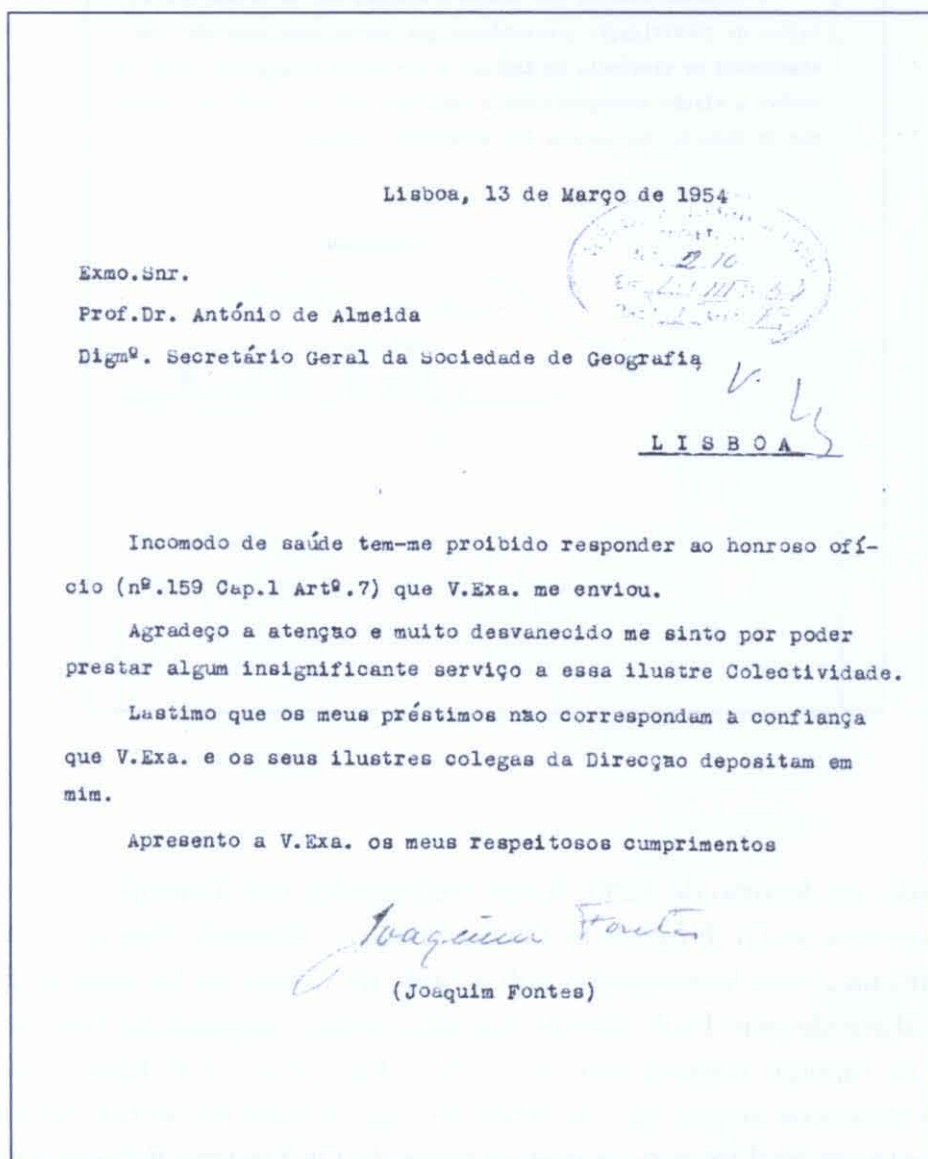


Fig. 3

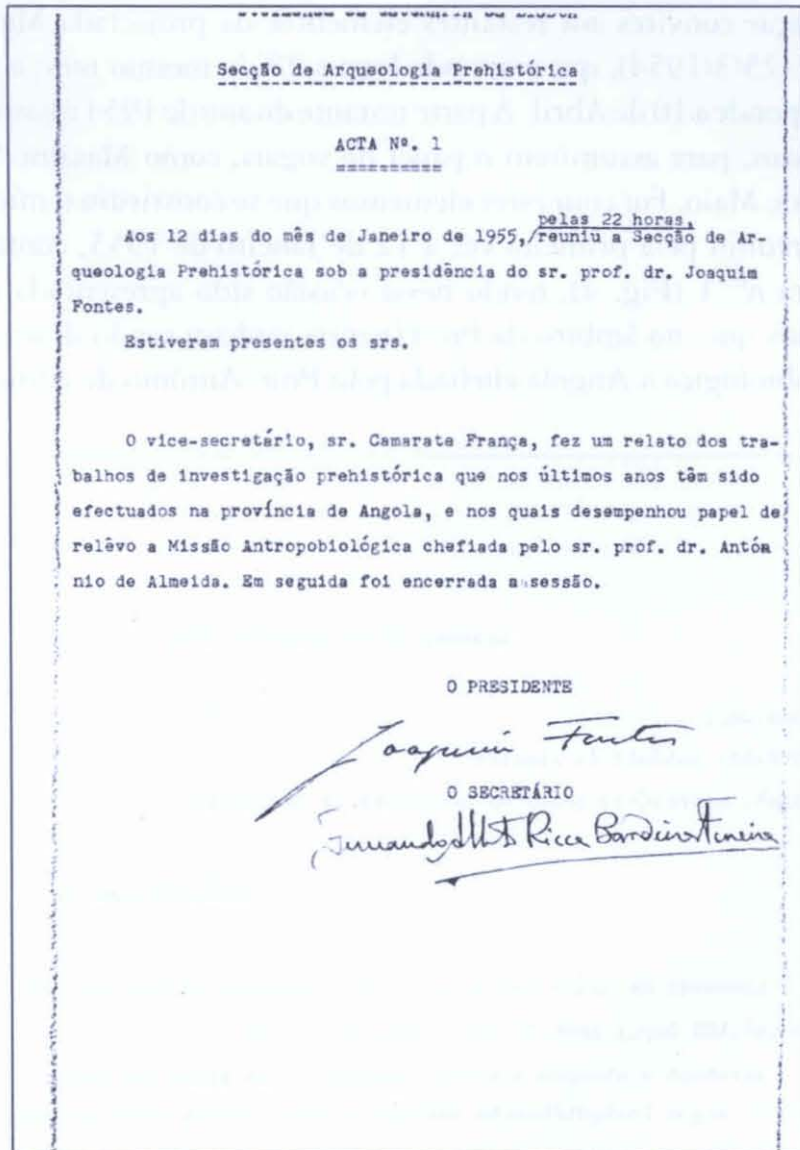


Fig. 4

Mais tarde, no decurso de 1955, foram endereçados pela Direcção, a 15 de Julho, mais dois convites, ao Dr. Eduardo da Cunha Serrão e a Eduardo Prescott Vicente (que desenvolviam na altura investigações sob a égide do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, dirigido pelo Prof. Mendes Corrêa), ambos respondidos favoravelmente, como seria de esperar, respectivamente a 25/7 (Fig. 5) e a 3/8. Estava deste modo completo o elenco de vogais que, no primeiro ano de vida da Secção garantiu o seu funcionamento, ao qual foi acrescentado o nome do Dr. Luciano Ribeiro (Fig. 6).

Lisboa, 25/7/1955

Ex. Sr. Secretário Geral da
Sociedade de Geografia de Lisboa

Paulo a honra de acusar a recepção da
carta de V. Ex.ª de 15 do corrente e de comu-
nicar que, com o maior dos prazeres, acei-
to a incumbência que me foi confiada
pelo Ex.ª Director da Sociedade de Geogra-
fia, a qual apresento os meus agradeci-
mentos.

Quando, portanto, as ordens do Ex.ª Presi-
dente da Direcção de Arqueologia Pre-
histórica que poderei contar com a
minha colaboração dedicada, em-
bora não tão competente como eu

desseja.

Presente a V. Ex.ª Sr. Secretário Geral, os
meus cumprimentos de elevada con-
sideração



Eduardo de Cunha Serrão

Fig. 5

SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA PREHISTÓRICA

M E S A

Presidente

7465 - Prof. Dr. Joaquim Moreira Fontes
Rua da Penha de França, 39-1º

Vice-Presidente

8228 - Coronel Manuel Afonso do Paço
Avenida da República, 15-5º

Secretário

14691 - Dr. Fernando Alberto Rica Bandeira Ferreira
Rua Tomas de Anunciação, 45-1º Dtº

Vice-Secretário

16093 - José Camarate de Andrade França
Estrada de Benfica, 510-r/c Dtº

V O G A I S

7816 - Prof. Dr. Manuel Heleno Júnior
Rua de Artilharia Um, 116-1º Dtº

12132 - Prof. Dr. António de Almeida
Avenida Guerra Junqueiro, 11-5º

13339 - Prof. Dr. António Augusto Esteves Mendes Corrêa
Avenida da Republica, 22-2º

15325 - Maxime Vaultier
Rua de S. Domingos à Lapa, 18

16016 - Prof. Dr. Carlos Teixeira
Rua das Amoreiras, 199-1º Dtº

16198 - Dr. Eduardo José de Miranda de Sousa Corrêo
Rua Oliveira do Carmo, 242-1º Dtº.

16119 - Eduardo Prescott Vicente
Rua de S. Bernardo, 99-1º Dtº.

4698 - *Jo. Luçiano Ribeiro*
Estrada de Benfica, 463-1º Esq.

~~16119 - Eduardo Prescott Vicente~~

~~16119 - Eduardo Prescott Vicente~~

Fig. 6



Fig. 7

2. Principais actividades efectuadas entre 1956 e 1960

O período em análise da vida da Secção foi dividido, por uma questão de comodidade de exposição, por décadas de calendário, a começar no primeiro ano de cada uma delas. Assim, a primeira etapa estende-se até 1960. Nessa altura, a Secção reunia às segundas sextas-feiras de cada mês, pelas 21.30 h.

Logo a 6/1/1956, J. Camarate França (Fig. 7) apresentou, em nome dos Prof. Mendes Corrêa e António de Almeida, comunicação sobre o Paleolítico de Timor, resultante de descobertas e recolhas efectuadas no âmbito

dos trabalhos dirigidos naquele território pelos dois referidos Professores, com o Eng. Rui Cinatti. Tais materiais – que foram vistos e classificados pelo eminente pré-historiador Prof. Henri Breuil – viriam a ser parcialmente publicados pela Junta de Investigações do Ultramar em 1964, pelos três investigadores referidos, e, de uma forma mais completa, através de dois outros estudos, em 1984 e em 1985/1986, respectivamente de Georges Zbyszewski e deste conjuntamente com Maria Cristina Neto e Maria Emília de Castro e Almeida.



Fig. 8

Logo no início da vida da Secção destacou-se o Dr. Cunha Serrão (Fig. 8), cujas comunicações se estenderam de 6/3/1958 até aos primórdios da década de 1980. Os principais assuntos tratados, sempre da região de Sesimbra, onde desenvolveu actividade arqueológica criadora e pioneira, abrangeram vasto leque cronológico, desde as indústrias paleolíticas até à Arqueologia Medieval cristã e mesmo épocas mais recentes (capela do Senhor dos Navegantes da Misericórdia de Sesimbra), passando pelo Neolítico, Calcolítico, pelas Idades do Bronze e do Ferro, tanto de contextos habitacionais como, sobretudo, funerários.

A 8/5/1958 o Dr. Fernando Castelo Branco apresentou contributo sobre arqueologia olisiponense, referindo-se à evolução paleogeográfica do vale de Alcântara, que ainda no tempo de Afonso III possuía diversas salinas. Ainda sobre o sal versou a comunicação do Dr. Bandeira Ferreira de 17/12/1959, onde dá conta de diversas unidades fabris romanas de salga de pescado por ele identificadas em Tróia, para além das que então estavam sendo objecto de escavação, sob a direcção do Prof. Manuel Heleno.

A 10/4/1958, procedeu-se à substituição interina do Prof. Joaquim Fontes (Fig. 9) pelo Dr. Bandeira Ferreira, por aquele ter assumido a presidência da Câmara Municipal de Sintra. Já então se notava baixo número de presenças às sessões, tendo o Dr. Cunha



Fig. 9



Fig. 10



Fig. 11

Serrão proposto, a 10/1/1958 que fossem indicadas, nas Convocatórias, os títulos e temas das comunicações, de modo a provocar uma maior afluência. Outra proposta que mereceu o acordo unânime dos presentes à sessão de 2/7/1959, foi a mudança do nome da Secção de “Arqueologia Pré-Histórica” para simplesmente “Arqueologia”, pelo simples facto de parte significativa das comunicações versarem outras épocas.

Nas eleições para 1960 foi de novo eleito por unanimidade o Prof. Joaquim Fontes, verificando-se empate, para vice-presidente, entre o Ten. Cor. Afonso do Paço (Fig. 10) e o Dr. Bandeira Ferreira, desempatado pelo presidente a favor do primeiro. Mas tal procedimento mereceu dúvidas; verificando-se pouco depois o falecimento do Prof. Joaquim Fontes, ascendeu à Presidência da Secção, por convite da Direcção da SGL, que então já não era presidida pelo Prof. Mendes Corrêa, falecido nesse ano, o Prof. Manuel Heleno, seu frequentepositor em questões científicas, o qual, contrariando a escolha do presidente anterior, convidou para vice-presidente o Dr. Bandeira Ferreira. A tal escolha, para além de opção própria de quem a fez, não seria alheia a frieza de relações entre o Ten. Cor. Afonso do Paço e um dos mais influentes Vogais, o Dr. Cunha Serrão. Tal facto motivou a primeira demissão no seio da secção, a do Doutor O. da Veiga Ferreira (Fig. 11), cujo desassombro e frontalidade eram bem conhecidos.

Apesar de tudo, a vida da secção prosseguia a bom ritmo: de 12 de Janeiro de 1955 a 17 de Dezembro de 1959 realizaram-se 24 sessões, com outras tantas comunicações científicas.

3. Principais actividades efectuadas entre 1961 e 1970

Logo a 27 de Janeiro de 1961, o Dr. Fernando Castelo Branco propôs que, para publicação no Boletim da SGL, fosse elaborada de cada comunicação apresentada uma súmula, da qual se extrairiam os principais elementos destinados à preparação de notas de Imprensa, com a preocupação de dar a conhecer ao grande público as



Fig. 12



Fig. 13



Fig. 14

actividades da secção. Outra manifestação externa tomada pela Secção (7/12/1961), foi a posição contra a “mutilação” da sala térrea do Museu Etnológico a favor do Museu de Marinha, como de facto veio a acontecer .

Do ponto de vista científico, merecem destaque numerosas comunicações, entra as quais:

- a do Prof. Manuel Heleno (30/11/1961) (Fig. 12), defendendo a fiabilidade das análises pelo método do “Carbono 14”, então ainda nos seus primórdios, e, com ela o recuo da cronologia absoluta, tanto da Cultura dolménica, como da Cultura do vaso campaniforme. Esta comunicação veio a propósito de um trabalho publicado em Espanha pelo Prof. Martín Almagro, pondo em causa, sem razão, a fiabilidade do referido método.

- a do Dr. Fernando Castelo Branco (Fig. 13), sobre uma grossa parede de boa alvenaria, mencionada pelo cronista seiscentista Frei Luís de Sousa como existente no subsolo da Igreja de São Domingos, em Lisboa, com argolas de amarração mas que, no entender do conferencista, não poderia ser romana, porque nessa época já o esteiro do Tejo não chegava a esse local; dada a recente descoberta de um circo para corridas de cavalos no subsolo do Rossio, não poderia tal parede relacionar-se com essa estrutura?

- outra, do mesmo autor, sobre os desfalques em Tróia, assumindo-se assim a Secção como uma voz potencialmente útil na salvaguarda e defesa do *Património* Arqueológico; esta comunicação (apresentada a 23/5/1963) substituiu a prevista para esse dia, do Dr. Manuel Farinha dos Santos (Fig. 14), impossibilitado de comparecer pelos trabalhos prioritários que foi chamado a realizar na recém-descoberta gruta do Escoural (Montemor-o-Novo), ainda hoje a única cavidade com pinturas rupestres paleolíticas do território português.

Eduardo Prescott Vicente (Fig. 15), então vice-presidente da Secção, cargo que manteve por muitos anos, evidenciou interesses distintos. Por um lado, a investigação pré-histórica, cujos resultados apresentou em co-autoria com o Dr. Cunha Serrão ou Gil Miguéis Andrade;



Fig. 15

é de destacar a comunicação de 2/6/1966, feita com o Dr. Cunha Serrão, de cunho totalmente inovador em Portugal, intitulada “Lâminas de sílex ovóides e sub-retangulares. Interpretação funcional”, prosseguida a 24/6 do mesmo ano. Por outro lado, os contributos para a análise geográfica do litoral português com base em Avieno: na comunicação de 10/1/1963, prosseguida a 11/6/1964 propôs a existência, na foz do Sado, de duas ilhas, separadas por um canal, hoje incluídas na península de Tróia. E, de facto, a análise do terreno veio a dar consistência à existência de uma ilha, hoje ligada ao continente.



Fig. 16

A 9/1/1964 o Dr. Bandeira Ferreira (Fig. 16) ascendeu a vice-presidente, substituindo o Dr. Fernando Castelo Branco; de imediato propôs para Vogal o Doutor Justino Mendes de Almeida (Fig. 17). Ambos viriam a manter longa e profícua colaboração, que perdurou até aos inícios da década de 1980; as comunicações, em geral preparadas em co-autoria, sob a designação genérica de “Varia Epigraphica”, foram publicadas regularmente em diversas revistas científicas nacionais: assim se deram a conhecer novas epígrafes, tanto romanas como portuguesas, ao mesmo tempo que se reestudaram outras tantas, propondo-se, para estas últimas, novas leituras e interpretações.



Fig. 17

A partir de Abril de 1964, passaram a realizar-se duas sessões mensais, resolução que coincidiu com a eleição, para Presidente da SGL, do Prof. Adriano Moreira. Tal decisão motivou, naturalmente, uma imediata contenção no tamanho das Actas, por não haver tempo para a elaboração de relatos muito circunstanciados. Mesmo assim, ver-se-á que a redacção atempada destas constituiu uma das principais dificuldades no funcionamento regular da Secção.

A colaboração de José Rodrigues Marinho (Fig. 18) e do Arq. Gustavo Marques nos trabalhos da Secção surgiu na sequência da actividade desenvolvida pelo Dr. Cunha Serrão. O primeiro, numismata distinto, apresentou comunicações sobre o achado de moedas almorávidas na Lapa do Fumo, cuja exploração estava a cargo do Dr.



Fig. 18

Cunha Serrão, apresentando a 2/7/1964 um valioso conjunto de quirates e de meios-quirates, alguns batidos em oficinas islâmicas, até então desconhecidas: Beja e, provavelmente, Silves. Já o Arq. Gustavo Marques comunicou, na sessão de 24/6/1966, a descoberta do povoado pré-histórico de Sesimbra (ou do Outeiro Redondo), importante estação que actualmente se encontra em estudo por nós próprios. Estendeu depois os seus estudos a outros povoados pré-históricos da Estremadura (Leceia, Rocha Forte, Pragança) e ao Alentejo, cabendo-lhe a descoberta, dentro do castelo de Arraiolos de uma importante ocupação do Bronze Final (sessão de 20/2/1969); desempenhava então o lugar de vice-presidente da Secção.



Fig. 19

O povoado pré-histórico do Penedo, Cortegaça (Sintra), foi objecto de duas comunicações de João José Fernandes Gomes (13/1/1966 e 9/3/1967). A par das comunicações do Dr. Cunha Serrão, foram das poucas que se basearam em trabalhos de escavação, efectuadas pelos próprios, já que as restantes se reportavam a descobertas decorrentes da simples prospecção superficial, eventualmente seguidas de sondagens limitadas (procedimento particularmente seguido pelo Arq. Gustavo Marques e pelo seu companheiro Gil Miguéis Andrade).

É neste âmbito que se insere a comunicação do então aluno José Morais Arnaud (Fig. 19). Iniciado na Arqueologia pela mão do Dr. Cunha Serrão, com quem colaborou na escavação da Lapa do Fumo, foi por aquele proposto para a Secção a 9/11/1967; logo na sessão seguinte, a 7/12/1967 viria a apresentar os primeiros elementos sobre o povoado pré-histórico do "Castelo Velho" (Veiros).

Entretanto, a secção não ficava indiferente às novas técnicas postas à disposição da Arqueologia, como se verifica pela comunicação do Doutor Eng. Mário Santos (25/3/1965) sobre os fundamentos da análise por activação neutrónica, que tão bons resultados veio a dar na análise da composição de cerâmicas e metais arqueológicos.

No âmbito da Arqueologia Medieval cristã, são de destacar: a comunicação do Dr. Cunha Serrão (30/6/1967) sobre os resultados da escavação da necrópole de Santa Maria do Castelo (Sesimbra); e a do Prof. Fernando de Melo Moser (14/3/1968) sobre a igreja do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal).

Enfim, a Arqueologia subaquática, que então dava os primeiros passos em Portugal, foi abordada pelo Dr. Bandeira Ferreira (17/12/1970), tanto ao nível da legislação que

se preparava, como sobre as pesquisas na região do cabo da Roca, sob a égide dos Ministérios da Educação Nacional e da Marinha.

O Dr. Bandeira Ferreira ascendeu a presidente em 1968, substituindo o Doutor J. Mendes de Almeida. Nesse ano, além das comunicações supra mencionadas, uma outra é de salientar: trata-se da apresentada pelo Dr. Cunha Serrão a 14/11/1968, concluída a 5/12 do mesmo ano, sobre o inventário arqueológico do concelho de Sesimbra, que coroou muitos e esforçados anos de prospecções e de escavações arqueológicas naquela região. O mérito do trabalho – então de cunho inovador – foi reconhecido pela Junta Distrital de Setúbal, que o publicou em 1973, sendo deste modo o protótipo das cartas arqueológicas que, ulteriormente, se vieram a afirmar como um dos instrumentos de gestão mais eficazes na protecção do património arqueológico dos concelhos (a respectiva notícia explicativa, do mesmo autor, veio a ser publicada postumamente pela autarquia sesimbrense em 1994).

No ano de 1969, este activo vogal sucedeu à frente da secção ao Dr. Bandeira Ferreira, permanecendo no cargo em 1970. Infelizmente, não se conhecem as actas deste ano; perdia-se demasiado tempo com a elaboração destas, que depois exigiam sessões próprias, exclusivamente destinadas à sua leitura e aprovação, por vezes apenas por dois vogais; por isso mesmo, talvez tenha sido esta a época de maior actividade da secção. Em 1971 o Dr. Cunha Serrão voltou a ser eleito vice-presidente, trocando o lugar



Fig. 20

de presidente, de novo, com o Dr. Bandeira Ferreira. A renovação era baixa, apesar da entrada de alguns elementos valiosos, como o Dr. José de Oliveira Boléo, que poucos anos volvidos viria ser eleito presidente. Data também de 1971 a entrada do Dr. Vítor Oliveira Jorge (Fig. 20), mais uma vez por iniciativa do Dr. Cunha Serrão, tendo presente o seu desempenho em Sesimbra, onde integrou equipa por aquele animada: o recém criado “Grupo para o Estudo do Paleolítico Português”. Passaram também a assistir às sessões outros membros do referido Grupo, como Susana Rodrigues Lopes, Francisco Sande Lemos e Jorge Pinho Monteiro, este precocemente desaparecido do nosso convívio.

4. Principais actividades efectuadas entre 1971 e 1980

A participação relevante do Dr. Cunha Serrão, quer como comunicante, como membro das sucessivas Mesas da Secção, quer ainda como despertador de vocações entre os jovens, que depois encaminhava para a Secção, manteve-se na década seguinte. De sua autoria são duas comunicações apresentadas logo no início da década:

- a de 4/3/1971, concluída na sessão seguinte (25/3), “Evolução dos conceitos

sobre a cronologia das cerâmicas peninsulares com ornatos brunidos”, cujo estatuto era ainda muito discutido e controverso. Nessa intervenção, tomando como ponto de partida os materiais por si exumados na Lapa do Fumo (um dos mais notáveis conjuntos conhecidos de tais cerâmicas), estabeleceu comparações entre os diversos contextos peninsulares onde ocorriam, discutindo as variantes decorativas, cronologia e distribuição geográfica;

- e a de 18/11/1971, dedicada ao Paleolítico de Sesimbra, com base nas novas observações de terreno recolhidas pelo grupo que dirigia, a qual foi publicada nesse mesmo ano e subscrita por todos os intervenientes, na série “Estudos Pré-Históricos”, publicação editada pela Junta Distrital de Setúbal, infelizmente sem continuidade, como acontece em tantos outros casos.

Mas esta aparente vitalidade da Secção, apoiava-se, na verdade, apenas no trabalho de três ou quatro Vogais, facto que explicava a sua própria fragilidade. Esta veio a evidenciar-se logo no ano seguinte: as actas – a parte do trabalho mais árdua que importava manter actualizada – deixam de ser aprovadas, por manifesto atraso na sua elaboração, talvez em consequência da ida do secretário da secção para o Ultramar em missão oficial. Mas, mesmo de lá, o Dr. Vítor Oliveira Jorge não deixava de manter informada a Secção da sua actividade, enviando recortes de jornais e mesmo comunicações para apresentação oral, como a lida a 16/3/1972 sobre a missão arqueológica ao distrito de Tete, no âmbito do estudo dos sítios que viriam a ser atingidos pelas águas da albufeira de Cahora Bassa. Face ao impasse então verificado e tendo presente a impossibilidade invocada pelo Dr. Cunha Serrão para se manter à frente da Secção (7/12/1972), em 1973, foi eleito para este lugar o Doutor José de Oliveira Boléo, que, no curto espaço de tempo que esteve à frente da secção (viria a falecer em 1974), como reputado especialista na área da Geografia Física, apresentou a 10/5/1973 a comunicação, “Correlação dos fenómenos geológicos do Quaternário e do Paleolítico de África e Europa Ocidental”.



Fig. 21

É então que um outro vogal, Gil Miguéis Andrade (Fig. 21), passa a colaborar mais activamente nos trabalhos da Secção, com base em reconhecimentos arqueológicos por si realizados: a 15/2/1973 apresentou comunicação sobre o importante castro da Idade do Ferro do Amaral, Curvaceiras (Alenquer), na sequência de comunicação sobre o mesmo apresentada quase dez anos antes (14/11/1963); sobre a complexa estação da Idade do Bronze do Cabeço da Bruxa (Alpiarça), apresentou outra comunicação, em colaboração com o Arq. Gustavo Marques (15/3/1973); a 7/6/1973, debruçou-se sobre a estação pré-histórica da Courela da Casa Nova (Montemor-o-

Novo), por si descoberta e uma das raríssimas estações pré-históricas de carácter habitacional conhecidas à época em todo o Alentejo, contrastando com a abundância de monumentos megalíticos; enfim, a 13/12/1973, com Eduardo Prescott Vicente, deu a conhecer sepultura pré-histórica no vale do Sorraia, com materiais de excepcional qualidade, simultaneamente apresentada ao III Congresso Nacional de Arqueologia, nesse mesmo final do ano de 1973 reunido no Porto, em cujas actas foi publicada.

Em 1973, ano de ingresso na Secção do Doutor António Dias Farinha, o Doutor Justino Mendes de Almeida, que então retomaria os trabalhos da Secção, propôs que se não deixasse de comemorar os 400 anos do humanista André de Resende, sugerindo fosse preparada palestra intitulada “Mestre André de Resende desagradado”, preocupação que o mesmo deixou bem expressa, ainda recentemente quando, a nosso convite, aceitou comentar a segunda edição das “Antiguidades da Lusitânia”, nos 400 anos da sua publicação (verificados em 1997).

José Rodrigues Marinho, a 6/3/1975, apresentou à Secção, então de novo sob a presidência do Dr. Bandeira Ferreira, a comunicação da sua área de especialidade “Introdução à numismática muçulmano-peninsular”, tema que, iniciado a 2/7/1964, prosseguiu a 28/1/1976 e 7/7/1976, sobre novos achados de moedas almorávidas na Lapa do Fumo, cuja ocultação foi possível situar em 1147.

Mas a dificuldade de manter em funcionamento a Secção permanecia, sendo, mesmo, um dos traços constantes da sua vida ao longo das décadas de 1970 em diante. Essa dificuldade agravava-se pontualmente, como então aconteceu, pelo facto de o Secretário e Vice-Secretário terem então declinado a eleição, face ao atraso na elaboração das actas, nalguns casos de forma irreversível. Nesses meados da década, valia à Secção a sempre indesmentida dedicação de alguns dos seus Vogais, apesar dos seus múltiplos afazeres profissionais. Entre estes, destaca-se o Doutor Justino Mendes de Almeida, a quem se deve o quase milagre de ter mantido incólume, conjuntamente



Fig. 22

com o Dr. Bandeira Ferreira, o Doutor Pedro Cunha e Serra (Fig. 22) e poucos mais, a actividade científica da Secção, num esforço conjunto notável, hoje difícil de avaliar em todos os seus contornos.

Por via das circunstâncias criadas, foi a época em que dominou a área epigráfica e a da linguística, no quadro das comunicações apresentadas. À comunicação apresentada pelo Doutor Justino Mendes de Almeida a 28/11/1974, “Exemplares de epigrafia portuguesa”, seguir-se-iam numerosas comunicações de sua responsabilidade, integradas na série “Epigrafia & alia”, as quais preencheram as sessões de 5/6/1975, 19/6/1975, 3/7/1975, 11/12/1975, 24/3/1976, 19/5/1976, 3/11/1976 (esta em colabora-

ção com o Dr. Bandeira Ferreira), 15/12/1977, 13/1/1978, 16/2/1978, 13/7/1978, 15/11/1978, 24/10/1979, 23/1/1981 e 20/5/1981. Numa dessas datas, apresentou o Doutor José d'Encarnação, em co-autoria com os dois renomados epigrafistas, a sua primeira comunicação sobre a temática (uma inscrição romana do concelho de Cascais) em que viria a granjear também justo renome internacional.

Pode afirmar-se sem risco de errar que, nos conturbados anos do pós 25 de Abril, a Secção não soçobrou, antes permaneceu activa, ainda que com reduzida participação, por via desse esforço quase solitário, sem cedências nem deserções, antes de extrema dedicação, a que hoje prestamos justa homenagem, na medida em que dele dependeu a sobrevivência da Secção. Esta manteve-se não só activa, mas atenta à vida da Sociedade: foi ainda o Doutor Justino Mendes de Almeida que lembrou, no período mais crítico dessa época, na sessão de 20/11/1975, a passagem do 1º. Centenário da SGL, ocorrido a 10/11/1975, ditando para a acta "o profundo respeito da Secção de Arqueologia pela acção, altamente patriótica e de grande relevo científico desenvolvida pela SGL, ao longo de um século, com votos de que essa actividade prossiga em proveito da Ciência e da fraternidade entre os povos", proposta aprovada por unanimidade dos escassos quatro vogais presentes.

A 17/12/1976, é eleito como presidente o Doutor Pedro Cunha e Serra, mantendo-



Fig. 23

se Eduardo Prescott Vicente como vice-presidente; como secretária, foi eleita D. Margarida Ribeiro (Fig. 23). Esta eleição explica-se pela assiduidade do novo presidente, recebido a 15/3/1973 e que, logo na sessão de 26/4/1973, apresentou comunicação sobre área da sua especialidade "Alguns topónimos algarvios", a que se seguiriam outras, a 17/1/1974, 23/1/1975, 14/1/1976, 2/6/1976, 26/1/1977, 17/11/1977, 22/2/1979, 30/1/1980 e 12/12/1980, algumas com mais acentuada incidência histórica, como a de 2/6/1976, sobre "O problema do ermamento examinado sob o ponto de vista onomástico".

Sob a presidência do Doutor Pedro Cunha e Serra, apresentaram-se comunicações de valia, passada a fase mais crítica de presenças aos trabalhos da Secção, destacando-se as seguintes:

- a 11/2/1976, D. Margarida Ribeiro apresentou o notável conjunto de vasilhas da segunda metade do século XVI encontradas no enchimento das abóbadas do claustro do convento dominicano de Santo António, em Montemor-o-Novo, aquando das obras de restauro ali executadas em 1974, continuada a 9/11/1983, sobre a técnica de construção das ditas abóbadas, já como presidente da Secção;

- a 10/3/1976, o Dr. Fernando Castelo Branco comunicou a existência de lápide observada nas traseiras do convento de Jesus, em Lisboa (actualmente conservada na



Fig. 24



Fig. 25



Fig. 26

Academia das Ciências de Lisboa), onde se refere a morte de três homens, quando se construía a abóbada da sacristia da igreja, a 8/7/1661, lápide rara, quanto ao conteúdo e com interesse para a história dos conventos de Lisboa; a 19/5/1976, dissertou sobre a "Obra histórica e arqueológica de Manuel Heleno", outra comunicação com interesse, sobre arqueólogo controverso e ainda muito mal conhecido, nos planos pessoal e institucional;

- Eduardo Prescott Vicente, retomando tema da sua predilecção, apresentou a 5/5/1976 a importante comunicação "Menires do Algarve", prosseguida a 12/1/1977, na qual inventariou os menires então conhecidos na zona do Barlavento, alguns identificados por equipa por si dirigida, da qual fazia parte Adolfo da Silveira Martins (Fig. 24), que, ainda antes de ser admitido como vogal (13/1/1978), viria a apresentar à Secção duas comunicações (9/3/1977 e 2/12/1977), a primeira das quais dedicada ao seu orientador.

- a 17/12/1976, o Prof. Fernando de Almeida (Fig. 25), que em 1960 já havia sido secretário da secção, apresentou a comunicação "Ao longo do Amazonas: do Brasil ao Perú", dando seguimento a uma tradição histórico-geográfica que se havia perdido, mas com evidente interesse, até por documentar o riquíssimo património arqueológico existente naquela vasta região. Neste aspecto, tal comunicação teve equivalente nas de João Afonso Corte Real e José Rodrigues Marinho sobre, respectivamente, as antiguidades mexicanas e peruanas e as da Mesopotâmia.

Em 1977, a mesa foi reconduzida por unanimidade e aclamação. Logo na primeira sessão, a 12/1/1977, o Dr. Fernando Castelo Branco sugeriu a realização de homenagem a Eduardo Prescott Vicente, que se mantinha como vice-presidente e que assegurou tantas e tantas vezes a feitura das actas, incluindo o período em que aqueles com obrigações para as fazer declinaram as suas responsabilidades. Foi então pedido ao Prof. António da Silveira (Fig. 26), eleito vogal na sessão de 7/7/1976, que se encontrava presente, transmitisse à direcção da



Fig. 27

Na presidência da secção, manteve-se o Doutor Pedro Cunha e Serra, e, como secretária, D. Margarida Ribeiro, cuja assiduidade era exemplar a par da de alguns vogais, como a Dr.^a Mariana Machado Santos (Fig. 27), antiga directora da Biblioteca da Ajuda.

Neste final de década, o Dr. Cunha Serrão retomou a sua longa colaboração à Secção, sempre com base em investigações próprias e originais e com a vivacidade que lhe era peculiar: a 29/11/1978 apresentou a comunicação, continuada a 8/2/1979, “As gravuras rupestres do vale do Tejo”, na qual abordou o faseamento cronológico-estilístico da abundante iconografia representada neste notável santuário rupestre pós-paleolítico, de importância europeia, em grande parte submerso pelo enchimento da albufeira de Fratel, ocorrido em 1973. Tal como em Sesimbra, conseguiu congregiar à sua roda equipa de alunos universitários, orientados de forma inovadora e exemplar: era entre os jovens que sentia bem; e recorro este facto com a independência que advém de só superficialmente ter conhecido o futuro Presidente da Associação dos Arqueólogos Portugueses, a que ascendem após a morte, ocorrida em 1979, do Prof. Fernando de Almeida.

Também o Dr. Bandeira Ferreira continuou a prestar colaboração relevante: a 21/6/1978 apresentou comunicação sobre “Elementos para um vocabulário de ciências arqueológicas”, prosseguida a 25/1/1979, com mais de 12 000 entradas, com termos de Geologia, Geomorfologia, Mineralogia, Petrologia, Filologia, Zoologia e outros, para além dos termos do foro mais estritamente arqueológico; infelizmente, tal obra mantém-se ainda inédita.

É de registar ainda a comunicação de João Afonso Corte Real (26/10/1978) dedicada a códice italiano, então inédito, da BNL, sobre arqueologia romana, com preciosa iconografia, que convinha fosse publicado como merece.

5. Principais actividades efectuadas entre 1981 e 1990

Logo no início da década, observa-se profunda remodelação na constituição da Mesa: nas eleições de 16/12/1981, D. Margarida Ribeiro ascendeu a presidente,

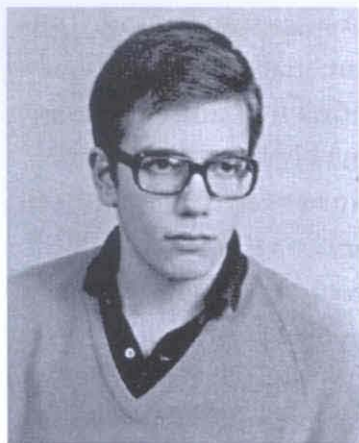


Fig. 28

substituindo o Doutor Pedro Cunha e Serra, enquanto o Doutor João de Castro Nunes ocupou o lugar de vice-presidente e José António Falcão (Fig. 28), o de secretário. Este último, ainda estudante, apresentou a 3/6/1981 a comunicação "Frei Alexandre da Sagrada Família e as ruínas de Miróbriga", cedo confirmando a sua vocação para o estudo da história e património locais da região de Santiago do Cacém, onde possui raízes. Trata-se de manuscrito até então inédito, de 1775, relatando a visita do referido eclesiástico àquela cidade romana baixo alentejana, com evidente interesse histórico e arqueológico.



Fig. 29

Os contributos sobre epigrafia e toponímia, que constituíram parte essencial das comunicações da segunda metade da década anterior prosseguiram, ainda que, naturalmente, em menor número. Por outro lado, apesar da entrada de novos vogais com competências reconhecidas como o Dr. António Dias Diogo (11/2/1982), o Dr. João Carlos de Senna-Martinez (24/2/1982) ou o Prof. António Augusto Tavares (9/2/1983), parecia declinar a vida da Secção, por dificuldades em congregar os Vogais em torno de um projecto verdadeiramente atractivo: às sessões compareciam sempre poucos, demasiado poucos, tendo presente o esforço dispendido com a sua preparação, incluindo as comunicações, as quais, aliás, eram frequentemente publicadas depois em revistas da especialidade, facto comprovativo do seu real interesse e qualidade.

Não obstante os esforços desenvolvidos pelas sucessivas direcções ao longo da década de 1980, de momento difícil de avaliar por o respectivo livro de actas se ter extraviado recentemente da Secretaria da Sociedade, onde se encontrava, coube-nos, ironicamente encerrar, em Dezembro de 1990 as actividades regulares da Secção, com uma comunicação sobre o povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras), a convite do Dr. António Cavaleiro Paixão (Fig. 29), então Presidente da Secção.

Ao longo dos cerca de 36 anos de vida, entre Janeiro de 1955 e Dezembro de 1990, a actividade da Secção, encontra-se fielmente retratada através das actas das respectivas sessões, que constituem repositório importante de muitas e variadas informações que mereciam nalguns casos ser aprofundadas. Ao mesmo tempo, apresentam retrato fiel de uma certa forma de fazer arqueologia (a par do que se verificava em outras associações ou instituições, como a Associação dos Arqueólogos Portugueses,

os Serviços Geológicos de Portugal e as Universidades de Lisboa e de Coimbra), antes da institucionalização definitiva da disciplina em Portugal.

As inegáveis vantagens de congregar um corpo de sócios altamente empenhado e alheio a interesses materiais, que via a prática arqueológica como uma forma útil de prestar um serviço à sociedade e à cultura nacional, constitui sem dúvida um dos pontos mais relevantes e positivos da vida científica da Secção. Mas, como quase sempre acontece, as pequenas quezílias entre oficiais do mesmo ofício, e as evidentes limitações materiais e técnicas postas ao dispor da maioria dos Vogais, que tinham apenas os recursos próprios e os seus tempos livres (fins de semana incluídos) para o exercício desta actividade, é sem dúvida aspecto que hoje seria dificilmente compaginável com a necessária exigência imposta à investigação arqueológica, sobretudo quando esta envolve trabalhos de campo prolongados, morosos e dispendiosos, a par da indispensável e constante actualização teórica e conceptual, própria do exercício de qualquer actividade profissional do foro técnico-científico.

Enfim, a abertura a alguns dos jovens que abraçaram a Arqueologia nos inícios da década de 1980, como aliás se tinha verificado nos finais da década de 1960, opção estratégica que constituiu outro dos pontos mais positivos da vida da Secção, permitindo-lhes aqui os primeiros contactos com a realidade arqueológica, apresentando, muitos deles pela primeira vez, os resultados das suas investigações, não foi suficiente para garantir a vitalidade indispensável à sobrevivência da Secção. Não se conseguiu mobilizar a massa crítica necessária para que tal se verificasse, por dificuldades que não decorreram, apenas, da sua escassez.

Mas, porque nada é definitivo, a Secção ressurgiu, por iniciativa da actual Direcção e do seu Presidente, o Prof. Luís Aires-Barros, em 2003, na sequência de sugestão que nos foi apresentada por um dos seus mais ilustres membros e antigo Presidente da Secção: o Doutor Justino Mendes de Almeida. Mas essa é já uma outra história que talvez daqui a outros 130 anos venha a ser escrita; pois não é este constante fazer e refazer que constitui a própria essência da Ciência?

(Palestra proferida no âmbito das comemorações dos 130 anos da Sociedade de Geografia de Lisboa a 18 de Abril de 2005).